

Associação da Comunidade Quilombola de Santa Maria do Mirindeua

Presidente: Nonato Cardoso

Vice-presidente: Solão Guilherme Passos Cardoso

Secretária: Maria da Conceição Ferreira Lima

Data de fundação: 06/02/02 Data de eleição da nova Diretoria: 06/07/06

Associação Remanescente de Quilombo Oxalá de Jacundai

Presidente: Nelnice do Carmo Valadares

Vice-presidente: Raimundo Oliveira Valadares

Secretário: Renilde Valadares Sena

Data de fundação: 12/06/02 Data de eleição da nova Diretoria: 12/06/06

Associação Remanescente de Quilombo Santo Cristo

Presidente: Manoel dos Santos

Vice-Presidente: Manoel das Graças da Natividade Batista

Secretário: Maria Dinéia Furtado da Silva

Data de fundação: 23/09/02 Data de eleição da nova Diretoria: 23/06/06

Associação Remanescente de Quilombo Filhos de Zumbi

Presidente do Bom Jesus do Centro Ouro: Jacinto Rodrigues Campos

Presidente de São Bernardino: Maria do Carmo Cuimar Amaral

Presidente de Vila Nova: Givanilda Corrêa da Silva

Presidente de Nossa Senhora das Graças: Maria Matildes Moraes Aires

Secretária: Ana Cristina da Silva Farias

Data de fundação: 13/06/02 Data de eleição da nova Diretoria: 23/09/06

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil**FASCÍCULO 3****Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**

Brasília, março 2007

ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)

Equipe da pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ-NAEA/UFPA)

Irmã Maria Luiza Fernandes Alves (CPT – Guajarina PA,

Congregação Irmãs Missionárias do Coração Eucarístico)

Pe. Sergio Tonetto (CPT – Guajarina PA)

Silvaneide Queiroz (PDTU/NAEA)

Joseline S. Barreto Trindade (UFPA – Campus Marabá)

Kátia Santos (UNAMAZ)

Cintia Beatriz Müller (COHRE)

Diana Antonaz (UFPA)

Consultor geral do PNCSA Joaquim Shiraishi Neto (UEA-PPGDA)**Cartografia e mapas** Rodrigo Lopes (IAGUA)**Fotografias** Joseline S. Barreto Trindade e Rosa Acevedo**Projeto gráfico e editoração**

Design Casa 8 www.designcasa8.com.br

Associação Quilombola dos Agricultores de São Manoel

Presidente: Raimundo Maria Carneiro

Vice-Presidente: Vicente Cuimar

Secretária: Vilda Cuimar

Data de fundação: 15/06/02 Data de eleição da nova Diretoria: 05/08/06

Associação Remanescente de Quilombo Santa Ana de Baixo

Presidente: Maria Olinda Malcher da Costa

Vice-presidente: Manoel Ribeiro Maia

Secretária: Maria de Nazaré dos Santos Maia

Data de fundação: 30/04/05

Associação Remanescente de Quilombo Conceição de Mirindeua

Presidente: Antônio Beato do Espírito Santo de Jesus

Vice-presidente: Ednil Batista do Espírito Santo

Secretária: Maria de Nazaré Batista do Espírito Santo

Data de fundação: 20/03/04 Data de eleição da nova Diretoria: 05/11/06

Associação Remanescente de Quilombo Ribeira

Presidente: Ideni Noronhas Dias Carneiro

Vice-presidente: Eudeni Gonçalves Leão

Secretária: Marly do Socorro Pereira de Farias

Data de fundação: 20/11/06 Data de eleição da nova Diretoria: 26/11/06

Associação Quilombola de Santa Maria do Traqueateua

Presidente: Narciso dos Anjos Silva

Vice-presidente: Paulo de Jesus Malcher

Secretária: Conceição de Souza Silva

Data de fundação: 16/07/02 Data de eleição da nova Diretoria: 10/10/06

Associação Remanescente de Quilombo Santa Luzia do Traqueateua

Presidente: Nelis Rodrigues Fagundes

Vice-presidente: Tomazia Corrêa da Silva

Secretário: Eldilciano Fagundes Carvalho

Data de auto-definição: 26/02/06

Associação Remanescente de Quilombo Km 40

Presidente: Ricardo Tavares

Vice-presidente: Raimundo Guiomar Corrêa Tavares

Secretária: Margarete Corrêa Braga

Data de fundação: 14/06/02 Data de eleição da nova Diretoria: 14/06/06

Conselho das Associações de Remanescentes de Quilombo de Moju

Presidente: Manoel Almeida

Vice-presidente: Ricardo Tavares

Secretária: Nelnice do Carmo Valadares

Data de fundação: ainda não tem personalidade jurídica

Data de eleição da nova Diretoria: 05/08/06



Território quilombola de Jambuaçu: violação de direitos étnicos

Desde 1980, os quilombolas de Jambuaçu experimentam intrusões no seu território. Nesse ano a Reasa empreendimento agro-industrial instalou-se com o objetivo de realizar plantios de dendê: “... apareceu uma firma chamada Reasa que entrava na terra nossa e vinha invadindo e tomando na marra nos deixando só com um pedacinho do terreno. Fomos ameaçados várias vezes por pistoleiro, que era pistoleiro para todo lado. Com essas ameaças foi que eles conseguiram tomar toda a nossa terra”. (...) “Nossa batalha dos anos 80 impediu que o dendê tomasse o território todo. Essa firma faliu e vendeu para a Marborges que entrou nas terras de trabalho de Santa Maria de Traquateua”. (...) “E depois apareceu essa



Quilombolas de Jambuaçu reunidos na comunidade de São Bernardino no dia 12 de outubro de 2006

tubulação, nos enganando com 400 reais; para as pessoas falava uma coisa e a história era outra. Agora vem a Vale. E depois apareceu a linha de transmissão para acabar o resto da nossa terra. Antes a organização foi para criar a Associação dos Moradores de Jambuaçu.” Sr. Narciso Silva.

Em 2001 começou a titulação do território quilombola com base no Artigo 68 – ADCT da Constituição de 1988. Em 2003 foram entregues pelo ITERPA – Instituto de Terras do Pará os títulos coletivos de Santa Maria de Mirindeua, Santo Cristo, Santa Maria de Traquateua, São Manoel e Conceição de Mirindeua. O ITERPA publicou o edital de São Bernardino, Centro Ouro e Nossa Senhora das Graças. As terras de Jacundai, Santa Luzia do Traquateua, Santana do Baixo, Ribeira e Vila Nova estão em processo de titulação.

As empresas Pará Pigmentos e Rio Capim Caulim implantaram os dois primeiros minerodutos para transporte de caulim. O empreendimento tem continuidade com a CVRD que executa o Projeto Mina de Bauxita de Paragominas. Parte dele refere-se à construção do mineroduto para transporte de caulim e bauxita de Paragominas até o complexo industrial da Vila do Conde. Desde 2004, a CVRD retoma a instalação de mais 4 minerodutos e de um “linhão” de transmissão que atravessa o território quilombola.

Essas obras são feitas sem reconhecer a condição jurídica do território quilombola. Nos seus atos a CVRD desconhece esse direito territorial étnico impelindo os quilombolas a assinar um “Instrumento particular de Constituição de Servidão, Transação, Quitação e Outras Avenças” de forma individual. Com isto desrespeita acordos internacionais do qual o Brasil é signatário como a Convenção 169 da OIT que no seu artigo 17 (2) estabelece que “os povos interessados deverão ser consultados sempre que for considerada sua capacidade para alienarem suas terras ou transmitirem de outra forma os seus direitos sobre essas terras para fora de sua comunidade”. A CVRD realizou, segundo depoimentos de várias pessoas, pressões para que assinassem esse documento e os intimidou para o recebimento de indenizações mínimas e individuais. Esses atos não tem sido acompanhados por advogados que defendam os interesses dos quilombolas. Os “dossiês” elaborados pela CPT Guajarina e encaminhados, desde abril de 2005, para o Ministério Público e Secretária de Ciência e Tecnologia e Meio Ambiente do Estado do Pará, o

IBAMA, o Programa Raízes, o Instituto de Terras do Estado do Pará e a Fundação Cultural Palmares demoram em considerar as questões pleiteadas e adiaram o cumprimento dos direitos dos quilombolas de Jambuaçu.

Os quilombolas de Jambuaçu reconhecem-se como remanescentes de quilombos e com respaldo jurídico no artigo 68/ADCT-1988 e do Decreto Federal 4.887/2003 continuam a reivindicar a titulação do território. A demora das duas últimas titulações guarda, na sua interpretação, relação com o propósito de facilitar a instalação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). A última ação dessa empresa é uma tentativa de anular o Termo de Compromisso assinado por seu representante em 26 de outubro de 2006 ante o Promotor de Justiça do município de Moju, Prefeito do Município de Moju e 13 representantes das comunidades.

O território quilombola é auto-cartografado para marcar direitos territoriais que estão condecorados na história do grupo e descrever os danos ambientais, sociais, culturais, que a atuação tanto da Marborges como da CVRD estão provocando intencionalmente nele.

Exercícios de cartografar, descrever e registrar o território

No dia 6 de setembro de 2006 os quilombolas de Jambuaçu reunidos na escola da comunidade Nossa Senhora das Graças manifestaram seu interesse em diversas oficinas, gravações de vídeo, reuniões de grupo, visitas nas áreas, entrevistas, diversos relatos escritos com o objetivo de produzir materiais que contribuam para apoiar a defesa do seu território, desta vez sob a intervenção da Companhia Vale do Rio Doce.



Manoel dos Santos, Manoel Almeida, Florencia Correa da Silva, Narciso dos Anjos Silva, José Maria Valadares, Maria das Neves de Souza, Estandico Correa Melo

Na reunião realizada na comunidade de São Manoel, no dia 21 de setembro, produziram os relatórios que foram transcritos.

No dia 5 de outubro procedeu-se à leitura em grupo dos relatórios e à elaboração de croquis por comunidade. No tempo imposto pela Companhia Vale do Rio Doce, os quilombolas buscam formas de compreender seus atos e produzir resistências.

No dia 5 de outubro procedeu-se à leitura em grupo dos relatórios e à elaboração de croquis por comunidade. No tempo imposto pela Companhia Vale do Rio Doce, os quilombolas buscam formas de compreender seus atos e produzir resistências.

“Olhe, o que era nosso antes da Reasa. É o ramal aqui é Santa Maria, antes da Marborges e quando a firma veio ela comprava um terreno lá de seu fulano de tal e o resto ela vinha invadindo justamente a nossa área lá foi tomada todinha e chegou até na beira desse igarapé que chamamos de Braço Grande, ...essa linha aqui até ai, dessa linha pra cá foi justamente o que nos ficamos. Só com esse pedacinho aí eles tomaram de conta. E ai pronto inclusive quando agora a dona trouxe o mapa que mostrou para nós quer dizer que desses 2.500 metros de fundo que tem pra cá, justamente a firma tem um documento dessa área, mas é um documento provisório e dessa área pra cá onde era nós que nos tomava não tem documento nenhum.

Justamente era o retiro, era a roça. Tudo era lá do igarapé. Jogaram tudo embaixo. O padre Sergio tem o retrato de tudo. Esse está no Gregório. Também tem lá no Sindicato. Tudo eles tem. Quero que vocês vejam o mandiocão como está, o retrato das mandiocas. Estragou todinho. O sitio que dava muito açaí, farinha. Tinha abacate. Tudo que era plantação dava. E depois apareceu essa tubulação.. agora vem a Vale. ... E também levando a nossa



Narciso dos Anjos Silva e Maria das Neves de Souza explicam o croqui

água, tão preciosa. Não se sabe para onde estão levando. Graças a Deus que nós temos várias comunidades dos quilombolas de Jambuaçu.”

“O nosso território lá comunitário ele atravessa o rio Jambuaçu... Os impactos que temos com a Vale do Rio Doce é porque aqui acima fica a tubulação e quando qualquer problema que acontece, qualquer sujeira escorre pra cá.



Vicente Cuimar e Valdicleide de Almeida, comunidade São Manoel, elaborando os croquis

É nas cabeceiras têm os grandes projetos aí Marborges, Só Coco, entendeu? Por exemplo, não sei quantos dias que eles fizeram a escavação que sujou a água. Aí definitivamente essa água lá pra baixo começou a limpar, ficar normal, de uns quinze dias pra cá. Eu acho mais ou menos dez dias... Ela começou a clarear e nos informaram que estava vazando uma água suja. Depois fizeram uma represa pra poder a água ficar limpa, mas durante todo esse tempo a água estava ruim. E interessante que quando sujou a água, mais ou menos uns cinco dias lá, nós tomávamos banho nesse igarapinho... toma banho com a panela...”

“Bem aqui é um ramal pra Centro Ouro. É esse esdrobo aqui é onde fica a vila, né? ... Localizado aqui é o campo de futebol que tem bem aqui outro ramalzinho que entra pelo caminho pra cá... e aqui é a sede. Aqui fica o São Bernardino. Só pra identificar bem aqui fica ali a ponte que atravessa. Então isso aqui é um igarapé que entrou bem aqui... e há caminhos que a gente pega, que eu coloquei o nome. Aí vai para Caratateua aqui onde fica a localidade da senhora Apolonia. Tenho aqui meus familiares. Subindo aqui tem o ramal do Prata. Bem aqui tem um ramalzinho chamado Jurunas. Bem aqui é onde eu fui nascido. Nesse aqui chamado Quilombo. Agora esse caminho aqui corta e vai varar aqui na Vila Nova. Aqui é o ramalzinho do Juquiri que entra para a comunidade... aqui no mineroduto. Então é mais ou menos aqui a gente conseguiu .. ficar umas castanheiras. Aqui tem um cedro, aqui uma cueira, e aqui tem uma árvore de dendê bem perto do retiro...”



Jacinto Rodrigues Santos, Centro Ouro









Maria do Carmo e Arnaldo Maia de São Bernardino

“Olha esse lindo mapa aqui é o de São Bernardino... isso aqui é o igarapé. Essa parte aqui é o rio Jambuaçu. Isso aqui é o igarapé Centro Ouro... Aqui vem igarapé da Cutinga que vai de novo aqui na rodovia... Esse ramal que vai pra ali o cemitério... Chega uma parte aqui no caso é o igarapé onde a tubulação está sendo enterrada, dá todo esse processo da sujeira da água. É a situação pior... um drama dentro do igarapé Jambuaçu... Aqui eles cavam o igarapé... cavam aquela vala. Aqui quando a chuva dá aqui ela é tão forte ela escoar vem tudo pra dentro da vala onde ela fica escoando esse barro todinho...ele cai todo pra dentro do Jambuaçu. É muito arriscado também quando eles tão trabalhando aqui escavando, e muito arriscado as crianças até caírem daquela vala... Eles vem da parte da ribeirinha pra escola... A assistente social da CVRD disse “não tem como vocês abrir um ramal...” Quando estavam construindo essa estrada um garotinho ficou soterrado...”

48°48'0"W

48°42'0"W

MAPA DO TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE JAMBUAÇU - MUNICÍPIO DE MOJU

-  Povoados
-  Comunidades Quilombolas
-  Área titulada
-  Área em processo de titulação
-  Área usurpada pela Marborges, antiga Reasa
-  Nova linha de transmissão ABC
-  Linhas de transmissão existentes
-  Mineroduto de bauxita e caulim
-  Área desmatada sem possibilidade de plantio
-  Limite municipal
-  Campo de futebol destruído pela CVRD
-  Igarapé assoreado
-  Derrame de caulim
-  Aterro de caulim
-  Casa de abelha
-  Casas de farinha
-  Posto de saúde
-  Casa familiar rural
-  Derrubada de castanheiras
-  Fábrica de Óleo de dendê
-  Plantio de Dendê
-  Fazenda do Jaime
-  Igarapé envenenado
-  Ponte
-  Ponte quebrada

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

Elaboração do Mapa: Rosa Acevedo Marin
Maria Luiza Alves
Rodrigo Lopes
Novembro 2006

1°48'0"S

PA15

ABAETETUBA

PA252

Sede Municipal de Moju

Rio Ubá

ig. Ububububa

ig. Puaça

Rio Moju

Camuritiba

Vila Nova

Poacê

Bom Futuro do Alto Poacê

Bom Jesus do Centro

Deus Prover

Príncipe da P

PA252

ig. Ubububa

ig. Sarandui

ig. Santo Antônio

ig. Caratateua

ig. Xiteua

Santana do Alto

Bom Jesus e Laranjal

ig. Jacaré Mikira

ig. Moju

ig. Barumbituba

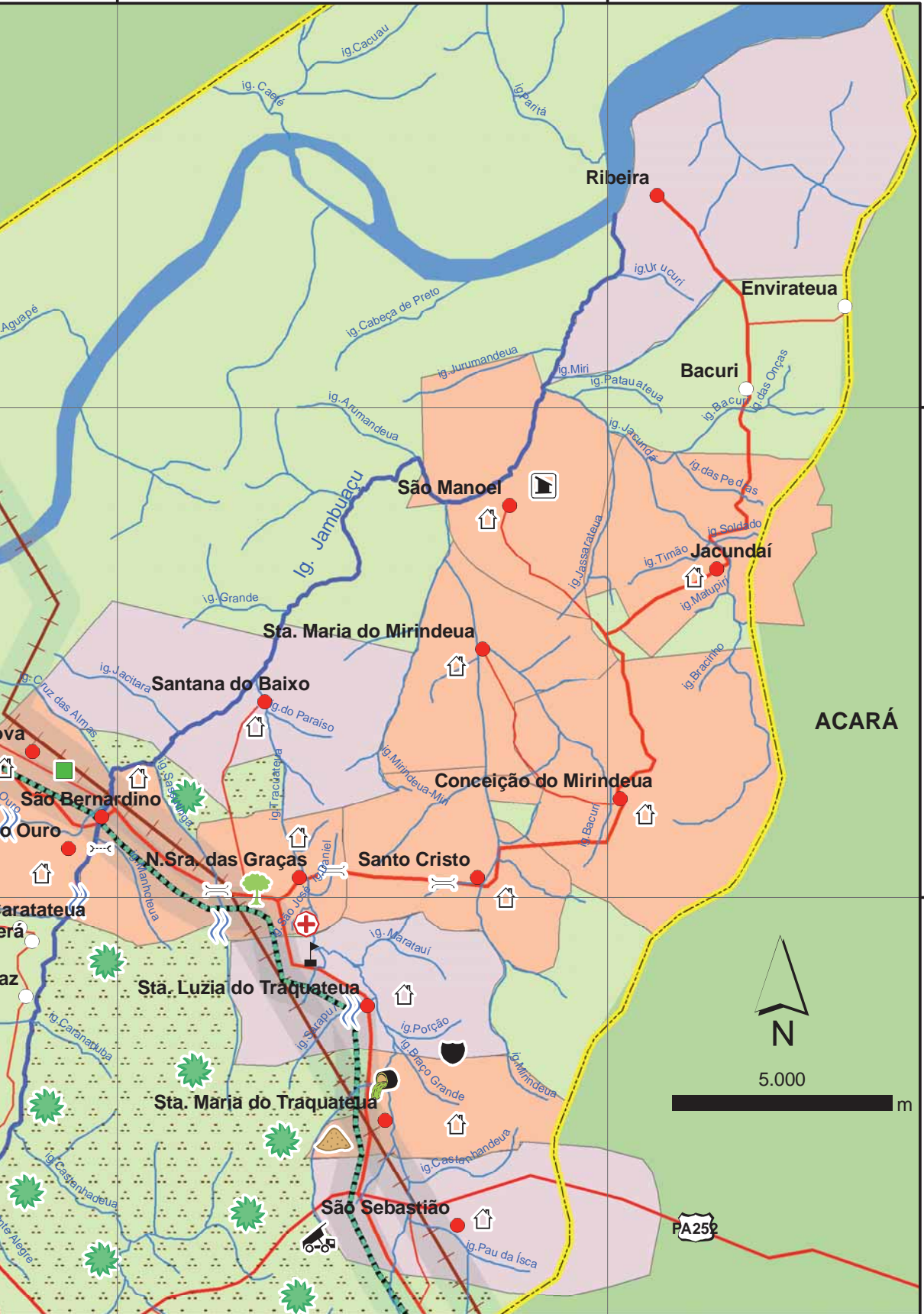
48°48'0"W

48°42'0"W

1°54'0"S

48°36'0"W

48°30'0"W



1°48'0"S

1°54'0"S

48°36'0"W

48°30'0"W

ACARÁ



5.000

m

PA252

“Essa aqui vocês vê aqui ela pertence à Marborges onde tem plantio. Aqui é apenas uma divisão. Aqui dá a extrema ai corta para cá, aí fica esse pedaço aqui do seu Narciso. Essa parte aqui era do Raimundo Silva. Essa área aqui vocês vêm também esse lado aqui também pertencesse ao Marborges. Aqui fica Santa Luzia, terreno de dona Fuluca. Então aqui nesse quadrozinho aqui foi um pedaço aqui, a antiga Reasa deixou pra as pessoas. Agora tão vivendo atualmente lá, como o Piroca fica perto do Ari e o seu José. No total são oito casas nesse pedacinho (...) Essa parte é um ramalzinho entra aqui para Santa Maria .. só naquela areazinha são doze casas... aqui é a comunidade do 40; aqui nessa área aqui da PA 252. Sendo que se nós fôssemos ampliar esse mapa aqui por trás também pega o terreno todo da Marborges.”



Everaldo da Silva Costa

“Aqui foi mapa do Estendico que fez. Fizemos esse mapa só pra identificar nossas comunidades pra ficar a saber do território. Colocamos aqui primeiro Santo Cristo.. ainda tem umas matas virgem. Esses dois igarapés aqui ele despeja no Ipitinga, onde o Ipitinga despeja ai no Mirindeua.

O Mirindeua escoar pra o Jambuaçu. Então esses igarapés tem uma diferença... aqui na cabeceira desses igarapés. Aqui é divisória. No Ipitinga tinha umas fontes de água... aquela água era bem azulzinha. Então ele mostrou que tinha secado, essa parte lá ... eu fui olhar pela curiosidade... então nos fomos olhar. Secou essas partes, aqui essas fontes de água. Aqui tinham, eram grandes, assim né? Aqui era mesmo assim, um tipo um poço, assim um lago. Mas aquela água era bem limpinha.... Então os dois secaram. Então, quer dizer que aí ela, a Vale está prejudicando esse igarapé. Eu não sei se é por causa do trabalho.... Mas aqui teve essa grande diferença. Teve.”



Philippe Neri Passos de Santa Maria do Mirindeua

“Essa parte aqui faz divisa com São Manoel... e essa parte com Conceição e pra cá com a comunidade dele.. é o ramal que você corta 30, 400, 500, 600 metros e aqui vai passando a comunidade de Jacundai, atravessa pega esse ramal, que fizeram outra vila que tem lá em cima, está aqui o ramal Marques Flores porque pega a família do Silvio que é Marques e pega outro que é Flores... Aqui é a cabeceira do Jacundai e aqui é a foz. Aqui ele nasce joga água lá em cima. A água chega pelo buraco de um pau, quero vir um dia para pintar...”

Com mais calma a gente bota os indivíduos na devida posição. .. Nós temos uma parte de 63 residências ...

Aqui quem manda é a família Valadares, quem manda não? Que mora por aqui porque casaram Valadares com Conceição, sabe? E Mendes e aí é só essas três ai. Então, não tem porque tomar de nós assim com facilidade. ”



José Maria Valadares

“Eu fiz, comecei o de Santo Cristo. O Estendico pediu que eu coloca-se também a parte dele, de Nossa Senhora das Graças. Eu pequei daqui da frente. Aqui é o Tracateua que atravessa a estrada Quilombola, né? Então essa parte aqui ela divide com Santa Luzia né? Aqui essa daqui é a estrada

grande. Aqui ele (sr. Estandico) mandou colocar já com sinal de que estivesse asfaltada (risos). E ela tem uma parte de mato de lá prá cá, como pra cá. Esse daqui é o ramal de Santana.

Então foi isso aqui que a gente foi colocando só pra identificar nossas comunidades que estão dentro do nosso território. ...

O igarapé aqui é mais atingido da água, aqui desce aqui... dessa área da Marborges.”



Manoel Santos de Santo Cristo e Estandeбал Correa Melo, de Nossa Senhora das Graças

“O maior impacto é pro restante do Baixo Jambuaçu. Nos contamos a história da comunidade aqui, né? E esse aqui é o rio Jambuaçu, aí é um pouco largo e a gente descendo aqui é São Bernardino. Então nos botamos o limite aqui, o igarapé Saçutinga. E aqui começa a residência... é o irmão Laercio. Ele faz um pouco desse igarapé e a tal Marborges. Logo em seguida tem o irmão Ivanildo... Logo esses pontos vermelhos aqui são casas, casas de famílias. Aqui é uma a Terra

Santa que chamavam né? É o nosso cemitério lá se Deus quiser eu vou servir de adubo. Lá tem enterrado todos os nossos. Os maiores historiadores de Jambuaçu estão aqui dentro desse localzinho. E descendo fica a vila. Aqui é o ramal que dá acesso, aqui a rodovia Quilombola, né? E chamam o ramal de Santana do Baixo... aqui tem um campo de futebol e os barracos lá abandonados do que eram do extrativismo da borracha, de beneficiar madeira. Tudo ainda existe lá e descendo mais tem o Tracateua... Eu resido e os meus familiares no igarapé Jacitara, é esse lado do Jambuaçu, da margem esquerda, que pertence a Santana de Baixo.”



Jacinto Rodrigues Santos e João Copertino Ribeiro da Costa

Comunidade São Bernardino

“Estamos aqui relatando os impactos acontecidos desde o ano de 1979 na região onde estão localizadas as comunidade São Bernardino, e demais comunidades do Jambuaçu.

Tudo começou com a chegada da Empresa Reasa. Muitos desmatamentos, poluição nas águas do igarapé Jambuaçu, tomada de terrenos dos posseiros. Houve uma paralisação na questão das terras com reação dos moradores da área. Passado algum tempo a Reasa vendeu a empresa Marborges, voltando assim a poluição da água e a insegurança dos moradores, onde muitos perderam suas terras.

Hoje a situação está pior. A Companhia Vale do Rio Doce chegou implantando tubulações, sem procurar conversar com os moradores da área.

Primeiro foi a tubulação para o caulim, e no momento para a bauxita, havendo invasões territoriais, sem que sejamos consultados.

Nossa estrada sem condições de trafego, pois os transportes da Vale acabaram com a mesma, ficando muitas vezes os alunos que estudam na cidade de Moju sem condições de chegarem nas escolas, a água do Jambuaçu sendo usada de maneira indevida para lavagem dos tubos, causando grande prejuízo aos moradores da região.

Nós os remanescentes de Quilombos desta região sendo pressionados a receberem pequenas importância para autorização da Linha de Transmissão da Vale. Dessa maneira estamos vivendo dias difíceis, sem termos o que oferecer aos nossos descendentes.”

Comunidade Juquiri

“Foi prejudicada com impacto ambiental do vazamento do caulim da empresa Parapigmentos que aconteceu no ano dois mil. Que o vazamento derramou caulim no igarapé Tabocal, causando mortes de peixe, jacaré, tartarugas etc. Prejudicando o ramal da comunidade.

O fato aconteceu na propriedade do senhor Raimundo Nonato Maparaia no km 32 pois até agora o caulim se encontra exposto na área.”

Comunidades Santa Maria do Mirindeua e Nossa Senhora da Conceição do Mirindeua

Grupos reunidos olhando o futuro.

Impactos ambientais na região quilombola do Jambuaçu

1. Estradas: Atingidas diretamente pela Companhia Vale do Rio Doce
2. Água: Também é atingida diretamente por essa empresa e todas as comunidades ribeirinhas são atingidas com esse impacto.
3. Poluição do ar: O meio ambiente também está sendo atingido diretamente com esse impacto. Através das fumaças das máquinas que circulam diariamente na região.
4. Desmatamento: O desmatamento é outro fator que é atingido pela Companhia Vale do Rio Doce. Acabaram com muitas castanheiras.
5. Fechamento do ramal por japonês (Jaime). Ramal que liga à comunidade Nossa Senhora da Conceição à rodovia Acará Moju e outras comunidades.
6. Impedimento do Sr. Romário a abertura dos linhões e ramais para outras famílias que moram do outro lado (Mirindeua e Ipitinga) na comunidade Santa Maria do Mirindeua.

Comunidade de São Bernardino, São Manoel, Santa Ana, Centro Ouro e Jacundai

Desde a década de 80 começou a luta pela entrada da empresa Reasa hoje Marborges.

Na época na comunidade de Santa Ana foi ponto de embarque e desembarque com muita falta de respeito com a comunidade. A empresa saiu comprando terras em vários pontos das comunidades quando vieram demarcar e desmatar aí vem o impacto com as pessoas. Aí foi feita uma reunião na comunidade aonde as pessoas reagiram e não deixaram a Reasa desmatar. Dizemos que nós não queríamos. Neste caso fomos vitoriosos que até a pessoa que tinha vendido a terra nos agradeceu. Nessa época foi formada uma Associação dos Moradores de Jambuaçu que foi a maior força da comunidade.

E agora veio a Vale com um impacto em nossas estradas, no igarapé. Várias vezes ficamos sem poder se deslocar da comunidade por ter atravessado em nossa estrada e ficamos também sem poder usar a água do igarapé por vários dias; muitos peixes morreram. Alunos perderam aula tudo por causa da empresa Vale do Rio Doce. Por parte da Reasa houve ameaça de morte ao delegado sindical.

Lista dos impactos causados pelas empresas Reasa e Vale do Rio Doce no território quilombola de Jambuaçu.

1. Nos anos 80 a empresa Reasa invadiu parte das terras do Jambuaçu causando morte de companheiros. Casas foram queimadas, roçados foram destruídos por máquinas. O povo passou a conviver diariamente com perigosos pistoleiros.
2. A Vale do Rio Doce, por sua vez, começou a passar com o seu mineroduto praticamente invadindo as terras de companheiros sem, pelo menos, pedir licença. Quando os companheiros souberam as máquinas já estavam trabalhando. E sobre isso, providências nenhuma foi tomada em favor dos atingidos. Agora, além da empresa ficar com parte de nosso chão, somos obrigados a conviver com água suja e poluída, estradas esburacadas, pressão psicológica e uma forte ameaça na integridade de nosso território.

Comunidade Santa Maria do Traquateua, Santa Luzia, São Sebastião, Km 40 na PA-252

“Hoje existe a Marborges que era a antiga Reasa, causando uns dos piores dos impactos ambientais como nos igarapés, secando os igarapés, impedindo o consumo da água, com seus produtos químicos que são despejados nos campos e com a chuva descem para os igarapés causando impureza (coceiras) nas pessoas que se utilizam da água; impedindo a passagem dos produtos dos moradores que ficam nos fundos dos terrenos da mesma. Sem falar nos desmatamentos que é feito descascando os caules das árvores. Tudo isso para não chamar a atenção do IBAMA. Hoje com a chegada da CVRD acabando com as terras dos quilombolas, com a passagem dessa tubulação, e a linha de transmissão e deixando nossas estradas acabadas sem muitas vezes podermos escoar nossos produtos que garantem nosso sustento e assoreando os igarapés.

No igarapé Jambuaçu aconteceu o seguinte: eles precisavam lavar a tubulação por dentro e fizeram. Quando a água retornou causou a morte de muitas espécies de peixes nas valas que eles cavam caem muitos animais silvestres e não conseguem mais sair e por ser funda caem se quebram e morrem de fome.

No Km 40 da PA 252 eles pediram aterros para aterrar algumas áreas que não passavam os carros. Tudo isso na promessa de terraplanagem da área que seria usada para construir um local de encontros sociais, palestras e muitas das vezes seria cedido principalmente para atendimento da saúde. Eles foram embora e nem fizeram o serviço proposto em troca do aterro, mas desrespeitando e nos enganando.”

Comunidade Nossa Senhora das Graças e Santo Cristo

“Nós estamos sendo afetados pela CVRD no sentido da estrada quando as máquinas começaram trabalhar nas obras da Vale esbandalhearam toda a estrada. Por isso nos queremos empurrar a estrada.

Estamos sendo pressionados pelas negociações da Vale. Sendo pagamento individual mas nós queremos indenização pelo território não individual. O linhão traz problemas no sentido de tomar as nossas terras. A nossa água dos igarapés ficou totalmente sujas e imundas por danos causados pelas máquinas.”



Reuniões de grupo na comunidade São Manoel (Moju) no dia 21/09/2006 no qual elaboraram os relatórios aqui transcritos.

CONTATOS

Comunidade Quilombola Santa Ana do Baixo
Território Quilombola Zona Rural
68450-000 Moju PA
telefone 91. 9147-7635

Comunidade Quilombola Santa Maria do Traquateua
Território Quilombola Zona Rural
68450-000 Moju PA
telefone 91. 9178-9875

Comunidade Quilombola São Manoel
Território Quilombola Zona Rural
68540-000 Moju PA
telefone 91. 9141-3044

Santuário da Terra e da Água / CPT Região Guajarina
BR 316 Km 06
66030-970 Ananindeua PA
telefone 91. 3255.6000
cptguaja@amazon.com.br

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná**
- 2 Fundos de Pasto**
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará**
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais**
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú**
Novo Airão, Amazonas

REALIZAÇÃO

Conselho das Associações de Remanescentes de Quilombo de Moju

APOIO

CONAQ – Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

Centro pelo Direito à Moradia contra Despejos – COHRE

Comissão Pastoral da Terra Região Guajarina



Ministério do Meio Ambiente

